

EIMEAR McBRIDE

UMA

«Um romance fulgurante e original.»
James Wood, *The New Yorker*

Tradução de Daniel Jonas

RAPA-

RIGA

É UMA

COISA

INACA-

BADA

ELSINORE



ELSINORE



YOU ARE WELCOME TO ELSINORE

Entre nós e as palavras há metal fundente
entre nós e as palavras há hélices que andam
e podem dar-nos morte violar-nos tirar
do mais fundo de nós o mais útil segredo
entre nós e as palavras há perfis ardentes
espaços cheios de gente de costas
altas flores venenosas portas por abrir
e escadas e ponteiros e crianças sentadas
à espera do seu tempo e do seu precipício

Ao longo da muralha que habitamos
há palavras de vida há palavras de morte
há palavras imensas, que esperam por nós
e outras, frágeis, que deixaram de esperar
há palavras acesas como barcos
e há palavras homens, palavras que guardam
o seu segredo e a sua posição

Entre nós e as palavras, surdamente,
as mãos e as paredes de Elsinore

E há palavras noturnas palavras gemidos
palavras que nos sobem ilegíveis à boca
palavras diamantes palavras nunca escritas
palavras impossíveis de escrever
por não termos connosco cordas de violinos
nem todo o sangue do mundo nem todo o amplexo do ar
e os braços dos amantes escrevem muito alto
muito além do azul onde oxidados morrem
palavras maternais só sombra só solução
só espasmos só amor só solidão desfeita

Entre nós e as palavras, os emparedados
e entre nós e as palavras, o nosso dever falar

MÁRIO CESARINY

EIMEAR McBRIDE

Tradução de Daniel Jonas

**UMA
RAPA-
RIGA
É UMA
COISA
INACA-
BADA**

TEXTO ORIGINAL

Título **A Girl Is a Half-formed Thing**

Texto © 2013 **Eimear McBride**

Todos os direitos reservados

EDIÇÃO ELSINORE

Título **Uma Rapariga É Uma Coisa Inacabada**

Tradução **Daniel Jonas**

Revisão **Nuno Quintas**

Capa e projeto gráfico **Ideias com Peso**

Ilustração da capa **Lord Mantraste**

Paginação **RPVP Designers/Booktailors**

Impressão **Publito, Braga**

ISBN 978-989-8839-35-0

Depósito legal 406 030/16

1.ª edição março de 2016

1500 exemplares

© 2016 Elsinore, uma chancela da 20|20 Editora

Todos os direitos reservados



Rua Alfredo da Silva, 14
2610-016 Amadora – Portugal

Tel. +351 218936000
contacto@elsinore.pt

www.elsinore.pt

 elsinore.pt

—

Para Donagh McBride

PARTE I
CORDEIROS

Para ti. Que vais. Vais dar-lhe nome. Nos pontos da sua pele ela vai usar o teu poder de decisão. Mamã eu? Sim tu. Saltaste na cama, diria. Diria que foi isso que fizeste. Depois deitaram-te. Cortaram-te em volta. A espera e hora e dia.

Andar por corredores subir escadas. Estás bem? Sentas-te, diz ele. Não. Eu quero diz ela. Eu quero ver o meu filho. Cheiro a antibacteriano na sua pele. Esfrega ladrilhos aos losangos com a mesma resistência. Todo aquele queimo-te os olhos se te caísse algum. O coração dela a bater. A bater dum dum dum. Não faças caso que ela esteja a entrar no teu quarto. Vê o. Jesus. O que fizeram eles? Jesus. Fel por. As marés ardem. Chiu. Já está. Mãe. Ela chora. Oh não. Oh não não não.

Eu sei. A coisa errada. É uma. É chamada. Hemorragias nasais, dores de cabeça. Onde não te aguentas em pé. Canecas de outono e pratos de jantar diz ela levanta a mesa. Ah novo diz ele deixa a criança em paz. Balança cai. Não dá ou. Segura bem. Escorregar na lama. Pimba na tua. Pobre cabeça enfaixada a branco e o sangue espreita. Ela sente a aversão disso. Uma cabeça de rapazinho. Chiu.

Foi ela a primeira a ver quando não conseguias abrir o olho. Não pisques assim tanto tempo que o vento muda e ficas assim. Não sou a mamã. Ficou preso. Ela abriu-o. Segurou-o em cima. Não consigo vai-me cair tudo.

E agora a Sagrada Família num sábado à noite. Ele está a inclinar-se tu a dormir ela a cadeira eu a girândola. Ouvir a conversa do médico. Fizemos o melhor que pudemos. Não havia

realmente muito. Está espalhado por todo o cérebro como raízes. Lamento. Não diga. Isso. Não vai conseguir escapar receio bem. Receio que esteja a escapar-se. Deveriam levá-lo para casa, aproveitar os últimos momentos. Ele não. Ele está. Não pode voltar a operar? Não podemos. Chiu. Alguma coisa? Quimio então. Vamos tentar.

Getsêmani nosso Senhor ouvi-nos as preces as nossas preces. Por favor. Intercessão. Noite em camas de hospital. Rostos no pavio. Linóleo nos joelhos. Por favor Deus não o leveis. O nosso. Santa Maria mãe de todos, humildemente vos rogamos.

Tu cara pálida sentindo a agulha a entrar. Sentindo o veneno gordo sumarento envenenar-te a pele de rapazinho. Nas tuas artérias. Órbitas. Espinha mãos pernas. Vomitar células todo o santo dia. Não Mamã não os deixes.

Dão-te semanas. Se menos. Assustado e careca e molha a cama. Árvores escuras lá fora para mim quando o tempo é de chuva. Ela a rezar sob um casaco até que eu enregele. Árdus genuflexores de capela de domingo de joelhos glabros contração a sério. Ela sim. E o nosso pai assim foi. Onde? Algures por ali. Penso eu.

Há boas novas e más novas. Encolheu. Salvou-se. Ele não. Nunca mais. Assim como um caroço um sopro débil o que temos. Jesus no sangue dela nesse momento. Regozija-te sagrado coração de Cristo. Mas nunca nos livraremos disso compreendeste? diz ele. Chiu agora ela diz chiu.

O teu rosto rosa faz desse sentar-se a melhor coisa que ela já fez. Olhar-te a ganhar cabelo. Às lascas sobre cicatrizes sobre pegadas de bisturis. Não olhes. Dizer as horas e onde estás. Fá-la ficar feliz. Faz o nosso pai. Percorrer corredores sozinho.

Ele diz não posso ficar à espera disso o tempo todo. Eu dava os meus olhos para o curar mas. Um coração não pode torcer e retorcer. E ela como a mais calma das Virgens Marias na cama sentada. As mãos a aquecerem-lhe os lados para. O que dizes? Respira.

Vais-te? Embora? Mas ele acabou de acabar de morrer. Ainda está para vir. Por favor não não te detenho. Nunca te obrigaria a nada. Vais sustentar-nos. Não és tão bom? Oh a casa é minha. É pelo melhor. Para quem tu eu? Entabua-me. Não sou para amores. Nunca mais. Vou viver para as lides da casa. Vestir miúdos. E tu para a hipoteca sapatos novos batatas. Não posso viver uma esperança curta mas contas de gás grandes e pagas a tempo e horas também. Oh que delicado. Se não és tu um homem como deve ser.

Ele deixou-a com uma nota de cinquenta libras. Toma conta de ti! Penteia acaricia um cabelo cheio desalinhado. Pensando penso em ti e em mim. Nos nossos espaços em branco onde os nossos pais deveriam estar. E quando podemos encontrá-los e o que fazer em lugar deles.

Mas não é que o tempo lá continua. Onde está o Papá? Foi-se. Porquê? Porque sim. E lá apregoa ela à força que se estende às tuas pontas de dedos. As beliscadelas na barriga da bebé que dá pontapé sou eu. Cheio em mim. Incubadora animada. E eu adorava nadar ao teu toque. Ficar encostada às pregas à espera das tuas carícias dedos pelos teus secretos e pressionantes olás. Mostro-te o meu pé vermelho. Vê. Olha para ele. Bebé quando nasceres sou eu que escolho o teu nome. Vês tu e eu estávamos já atarefados um com o outro muito antes de eu cá chegar.

Ela era cuidadosa contigo. Dizendo vamos devagarinho. Cuidado com a cabeça meu querido coração. E as suas goelas diziam Graças a Deus. Pela arfada de ar. Por esta garantia de Enfermeira eu hei de. Ensinar-te a arte do pai-nosso. E quando dormias eu embalava em mistérios ditosos gloriosos até que eu o reino viesse a nós. Muco atolado no meu nariz. Gritar para romper o dia. Uma gorducha fungando como uma criatura. Um mundo de vinagre cheirei eu. Olha aqui uma cachopa não é fantástica. Berrando. Oh Ho. Agora estás a salvo. Mas eu vi menos com estes olhos carne. Lá fora quase fora da vista. Ela, perguntando por e eu

estou bem. Mão na minha cabeça. A mão dela nas minhas costas. A dividir-me da amável carne mãe que não pôde aceitar-me de volta. Ali me enrosquei aprendendo membro a membro. Enroscada debaixo de luzes quentes. O lamento marulhou. Estou tão feliz que o teu irmão esteja vivo. Que te veja. Que seja tudo. Mas. Alguma coisa aí vem. Começa o esfregar. Esfregar o meu a toda a hora. Eu debato-me por. Eu debato-me de. O cheiro a leite agora. Escurece. Desaparece. Embranquece.

Dois eu. Quatro tu cinco ou qualquer coisa. Eu caindo. Enrola a mesa perna ao banco. Cava a face nas almofadas dela. Chia. Bebê cheio de ranho e choro. Tu comprimes-me os meus lados só um pouco. Eu regurgito um ai meu deus de risadinhas de cócegas. Não para e vai de roda e cai de quatro. Eu caio parte o quê. Dei com a cabeça. Oop. Estás feita. Mas. Logo o mundo irrompeu como águas. Uma bofetada de. Uma bofetada de todo o lado cheirar a cozinha pó perfume sabão sebes no inverno cães e serragem no chão de um talhante. Novo. Novo não. Lembro-me. Estampado no meu cérebro. Eu sinto o tapete debaixo disso arranhar-me quando me arrastas a perna. Sei os seus anéis ouro e turquesa. Flores sobre. Folhas para o verde. A perna do sofá risquei a esfográfica vermelha no grão da pele. A escavar. A cantar há muito muito tempo nos bosques de Gartnamona ouvi um melro a cantar no pilriteiro. Oh. Lá voltou. Lá voltou de onde? Não me lembro disso antes.

Tu inclinas-te. Não chores não chores. Traz lá isso. Eu penso que até podia. Não. As lamúrias dão é direito a coça para mim ou para ti. Colher de pau pior que mãos ou beliscão na orelha. Eu dou-te uma razão pela qual chorar-se. Fazer um santo espetáculo com esse grande lábio. Para com essa reclamação. Desculpa Mamã. Não choro então embora algo tenha acontecido na minha cabeça. Acordei. E olhei para o teu cabelo castanho. Um cabelo curto de rapaz suave na tua cara redonda. Deve ser do lavar do escovar do pentear. Mãe atenta e amorosa. Eu lembro-me. Eu vi.

Tamanho orgulho e alegria nele. Aqueles médicos enfermeiras diziam que não ia. Morto no folículo morto na raiz. Mas cá está diz ela em enxertos. Não o puxes, dando-me uma palmada.

Eu fujo do lavar do escovar. Manter os dentes como deve ser. É de mais. Esse esfregar com os nós dos dedos. Como espuma de sabão impregnada no couro cabeludo. Ela há de pôr mãos à obra. Nada de piolhada. Nenhuma doença. Nada de psoríase e caspa nem vê-la.

Escapo-me do banho quando ela me apanha. A correr com a cabeça cheia de champô a berrar não Mamã não não não. Peito frio onde a água bate para-brisas barriga à chuva. Vencer aquelas escadas o mais rápido que puder. Champô na minha testa. Nos meus olhos. Ninho de ratos. Mamã. Aos berros Minha Menina volta já para aqui ou vais ver. Fico piursa. Massajando bolhinhas de sabão. Pior e pior e mais picante do que hortelã viro o nariz. Apanha-me sempre. No corredor. Tu por um cabelinho. Puxa-me pelo tornozelo nas escadas. Ela num oceano de sabão. É preciso ficar aí. Quanto mais rápido mais depressa saís. Eu sou a ousadia em pessoa, minha menina, aí a menina. Vamos lá cabeça outra vez lavá-la para te tirar isso da cara. Ahhh. Bolhinhas com a boca. Thhh. Bolhinhas. Cara cheia de pano. Ora aí tens pelas tuas bolhinhas. Pateta. Não queres ter o cabelo como o do teu irmão? Vê como é luzidio, adorável. Eu quero. Não passaram dois anos e já aos punhados — tão bom como o teu. Médicos enfermeiras. De ora em diante assim. Pois um pouco dum coxear e falta de visão periférica não são assim tão maus quando estamos bem.

Já os dentes. Piores os teus. Os teus estão todos podres. Nada certinhos como os de leite. É vigiar é normal depois de tudo por que passou. Os novos hão de vir e deve correr bem. Pretos não, disse ela e atirou-os fora. Manchado não lavado ou lavado que chegue. E não os guardaria numa caixa de fósforos. Os meus estão guardadinhos. Não toques. A salvo na minha cabeça. Quando os teus não estavam

não haverias de gostar de ver o olhar dela. Ser lembrado disso. Então fazes uns segundos em segredo com pastilhas elásticas com sabor a hortelã. Encravá-los nos interstícios para o caso de ela dizer para abrir. Ela diz lava os dentes pelo amor de Deus há muita criança sim criança não que tem os seus. Mas o doutor disse. Podias ter ficado com uns poucos tenho a certeza. Sim Mamã. Não me venhas com um sim Mamã. Mamã sim. Dizes sempre que sim quando eu digo que não. Tinhas uns dentes que eram uma desgraça os teus não valiam o trabalho. E não havia nenhuma boa razão para isso. Felizarda. Abençoada eu. A tua segunda remessa era muito mais rija. E tu tem cuidado. Embora gostasses mais deles antes, digo eu, do que agora.

Vivemos no campo frio e húmido com lesmas a andar pela alcatifa a noite inteira. Agora que tens sete oito. Eu cinco. Esta casa, verde a crescer na parte de fora.

Tu e eu a fazermos corridas de lesmas desde a porta de entrada até à fonte seja lá onde for. Leva-me essa coisa porca para fora de casa não sei como cá entram. Sempre nos perguntámos, à cata de ninhos de lesma no sofá. Debaixo da cancela e achámos um lagarto a correr pernas para que te quero no freixo. Entrava com os baldes pretos carvão mas estava um calor de morrer de morrer. Esquadrinhávamos com o ancinho debaixo do fogo em cinza. Então disparava e tu eras mais rápido do que eu. Apanha-o a tempo de ainda poder ser uma lagartixa acho eu. Vai buscar um frasco de compota vai. Prende aí esse galho. Eu chafurdo-lhe o olho que vira. Sinto a garganta, está peganhenta como caminhos de lesmas. Nunca mas nunca lhe toques. Um estalo por cada palavra de aviso que nos dão. Nunca. Mas nunca. Toques. Nessa. Coisa. Horrrosa. Vai-te. Dar. Verrugas. Isso. É. Hor. Roro. So. Não interessa, ficamos na mesma com o frasco na barraca até partir ou morrer de susto tu disseste e atiraste-o ao gato que fugiu. Gato gordo cheio de tretas. Oh-e oh-e oh-e disseste tu. Deixa gosma amarela se lhe tocas. Não. Pegues. Nesse. Gato. Nojento.

Os céus desabavam no inverno. Chuva torrencial e azáfama debaixo da porta da cozinha. Ela deu-lhe com a vassoura. Um montão de papéis ali debaixo. Olha-me só. Paredes encharcadas e janelas cheias de humidade. Casa que Deus esqueceu é o que é cuidado está a cair o céu.

Tu e eu a nadarmos guerra das estrelas nas poças. Recifes de linóleo doutros mundos. Os meus dedos porcos a coçarem buracos maiores. E a fazer das escadas as cataratas do Niágara a atirar homens à água amarrados a lâ. Debruçados sobre as nossas barrigas a comer pedaços de pão com manteiga açúcar por cima. Uma montra Mamã quero um. Não quero isso no meu chão.

O inverno uiva a noite toda nesse ano nas árvores que subíamos e nas sebes dos caminhos. Não passam carros aqui. Ninguém vem aqui. Coisas a chamar por mim nos campos. Dizem que me querem e descem as paredes por. Ela está a chegar Mamã. Quem? O diabo da morte. Não sejas tonta. De certeza que o teu irmão não está? Não se importaria se surgisse alguma coisa? Fecho a porta ou deixo-a aberta? Não faço ideia. Fecho o mal lá fora ou deixo-o entrar? Pior tu. E disseste Eles estão a chegar. Por mim e por ti. Para com isso. Vêm buscar-nos e nós sem faca. Qual faca? Aquela que combina com a máquina mágica. Qual máquina? Aquela que faz aquele barulho para matar coisas más. Um grande túnel escuro faz estrondo. Como é que sabes? Foi o que eu passei, eu a gritar e aquilo queima horror ahhhh. O médico disse que deitava fogo pelos olhos. Ele não. Ele sim e estes não são meus. São assim. Os meus derreteram. Estes são do bode. Olhos de bode e o diabo quere-os de volta. A minha garganta está a fechar. Cala-te. Ugh cala-te lá. Mamã? Mas acorda-me durante a noite. Olhos de bode correndo em direção ao céu.

Sempre em casa, à deriva pelas escadas ou sentada nas nossas poças o monstrinho na tua cabeça. A dormir feliz doméstico o teu cérebro resiste e dedos só batem no teu lado esquerdo mau. Não batas na cabeça do teu irmão. Tropeças. Não é assim tão mau. E entrando em casa uma gargalhada. O olho cego de lado é como na ptose? Não. Água do lago? Não. Como vidro? Dizes que não é como nada de nada. Deve ser algo quê? E palavras, vestígios de gaguez. Na escola porque falas assim? Deve ser por notoriedade. Está nas tuas somas cruces e linhas a vermelho num caderno

UMA RAPARIGA É UMA COISA INACABADA

por não não não. Está mal, os escritos dos professores, já te expliquei isto tudo. Está mal não compreendes. Está mal não ouvires não prestares atenção nas aulas. Outra vez. Não, não estavas.

Não vês não vês está ali está ali. No confortável âmagô da tua cabeça. Deve ter os seus cordéis a puxarem constantemente. Manhoso no afeto. Coisa bera. Ali a mascar. Unhas que cavam como garras. O seu ângulo cego quando eras pequeno. Não estás melhor. Não estás, cegaste-lhe os olhos bons.

VENCEDOR DE:

Baileys Women's Prize for Fiction • Goldsmiths Prize
Kerry Group Irish Novel of the Year Award
Desmond Elliott Prize • Geoffrey Faber Memorial Prize

«Eu acho o teu rosto o melhor que há. Quando éramos nós éramos nós éramos novos. Quando eras pequenino e eu uma menina. Era uma vez. Vou lembrar-te lembra-te bem. Agora. Não nessa altura. E eu ajoelho-me sobre a tua cama tranquila. Beijo a tua cara. Saio do quarto. Eu vou. Dormir. Tal como tu.»

Romance breve mas intenso, *Uma Rapariga É Uma Coisa Inacabada* é o retrato nu do relacionamento de uma jovem com o seu irmão, e da longa sombra projetada, nas suas vidas, pelo tumor cerebral de que ele padece e pela família profundamente disfuncional em que vivem.

Narrado na primeira pessoa por esta rapariga sem nome, numa espécie de fluxo de consciência repleto de elipses e incoerências, que reflete o estado de quebra emocional da narradora, este é o romance de estreia de Eimear McBride, escritora irlandesa, considerada por muitos críticos a grande revelação de língua inglesa da última década. Ler este livro é mergulhar na mente da narradora, sentir a vida em bruto, tal como ela a atravessa. Nem sempre é uma experiência confortável — mas é decerto uma descoberta.

«Um futuro clássico. [...] Inevitavelmente comparável ao cânone irlandês — os monólogos de Beckett, o solilóquio de Molly Bloom de Joyce em *Ulisses*, e a prosa ontogenética de *Retrato do Artista quando Jovem* — e às vanguardistas britânicas e irlandesas: Edna O'Brien, Virginia Woolf, Ann Quin.»

Joshua Cohen, *New York Times*

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8839-35-0



9 789898 839350

Literatura Estrangeira

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT